

## MOVIMENTO EM FOCO

Esses dias estava conversando pelo celular em um grupo de amigos em que a maioria dos integrantes participou da Tnuá, e até que de forma relativamente ativa durante os anos de Shichavot Tzeirot. Por um momento hesitei em falar alguma coisa, afinal, segui um caminho diferente deles, estou ativo na Tnuá, tornei a Rua Paulo Barreto, 30 em meu segundo endereço postal, não há uma semana em que não vou para lá ao menos umas 3 vezes, enquanto para esse meu grupo de amigos, creio que tenham visitado pela última vez a tnuá já faz uns 6 anos. No entanto, tive a feliz decisão de não me intrometer tanto no assunto, e resolvi observar qual a visão que eles tinham do Dror, e qual papel o Dror desempenhou para eles. Falavam basicamente que o Dror era um espaço de libertinagem, e se vangloriavam por terem tido uma infância daquelas em que puderam vivenciar grandes momentos com os amigos, por mais que fizessem coisas altamente reprováveis do ponto de vista chinuchi, mas afinal não era isso que estavam pensando nem o que pensam ser a função do Dror para eles, não é a toa que pertencer ao Dror tenha perdido o sentido, e tenham saído do movimento.

Não que eu tenha a presunção de ocupar um papel moralista de julgar o que é certo ou o que é errado, por que, bem ou mal, éramos crianças, e creio ser da natureza social deste convívio, sobretudo em que a autoridade é, na prática, menos autoritária que outras referências que elas têm, como os pais ou professores. Mas o que eu vejo de interessante aqui é ver como as lembranças sobre os mesmos momentos e marcos coletivos desempenharam a construção de memórias e atribuições razoavelmente distintas sobre as situações vividas. Se por um lado falava-se de passado, eu conseguia ver cada uma daquelas situações acontecendo com meus chanichim, e me peguei pensando, se eu fosse madrich da minha shichva naquela época, como eu lidaria e como eu veria, não só a mim, mas a kvutza a qual eu pertencia?

Talvez este seja um exemplo frágil para expor as questões dos conflitos entre as gerações na tnuá, por se tratar de chanichim de shichavot tzeirot que tenham um vínculo com o Dror diferente de um vínculo que leva um chaver de shichavot bogrot, mas ainda assim, podia se perceber ali que havia um vínculo nostálgico com a tnuá, que exerceu uma função para a vida desses jovens judeus. Mais adiante retornarei a este ponto

Na tnuá há vários clichês, que quando utilizados como clichês nada adiantam a não ser para fazer piada, mas buscar o que há por trás deles, nos ajuda a entender como certas construções de valores ou de pensamentos se dão no decorrer do tempo. Aqui me refiro a ideia de que “a tnuá deve estar/está em movimento”. Essa frase é comumente usada para dizer que as ideias da tnuá tem que se adequar a realidade de seus chaverim para aquela antiga e ultrapassada discussão sobre se “A Tnuá faz o chaver ou o chaver faz a tnuá”. No entanto o termo movimento é dado em sua origem para manifestar uma relação externa da instituição juvenil com a sociedade, os jovens a partir de sua ideologia e de sua prática querem dar movimento a sociedade, não criar um ciclo interno de adaptação. Creio que isto foi resultado de um comodismo, é muito mais fácil se fechar e voltar o foco da tnuá para o âmbito interno do que transformar a sociedade com suas ideologias.

Nesse momento a tnuá passa ao meu ver a ter como principal norte a formação pedagógica do chaver, ela se internaliza, e isto se deu pelo motivo de que para o movimento ser uma realidade para a sociedade é necessário unir a ideologia à prática, e tornou-se difícil esse exercício da “*práxis*” de um tempo para cá, o cenário mundial geopolítico e econômico mudou, ou alguém acredita que em algum futuro, por mais que distante, haverá uma Israel linda e arborizada rodeada por kibbutzim e moshavim? A ideologia precisa se unir a uma viabilidade real e material, senão, não passa de um sonho, uma utopia, que continuamos seguindo, até tropeçarmos na primeira pedra do caminho, e paramos de andar, e ficamos sentados em roda discutindo sobre abstrações, com medo de dar um passo. O que quero dizer é que precisamos caminhar, mas que precisamos traçar nosso caminho com o chão que temos.

Mas o que isso tudo tem a ver? Creio que esta guinada da tnuá nesse sentido mais educativo transformou a forma como se olha a tnuá. A distinção entre esse caminho educativo e o caminho ideológico é assunto para outra daquelas discussões infundáveis. O meu ponto não é discutir o quão ideológicos são nossos meios(educação não formal), é sim necessário que eles estejam em consonância com os valores propostos como ideologia, ou fins. O que quero é trazer a ideia de que colocar nossos meios como fim, por mais ideológicos que sejam, é um perigo existencial para a tnuá, que passa a viver um ciclo, enquanto deveria se preocupar em com um processo em espiral.

E para mim este rumo que a tnuá vem tomando tornou responsável por um processo tnuati marcado pela lapidação da identidade do chaver, um processo de autoconhecimento contínuo, construído em grupo, mas sobretudo com o foco na individualidade de cada um em saber o seu papel no Dror e na sociedade. Caminho que possui suas virtudes, mas que limita a experiência tnuati ao contato externo de forma mais direta, e que nos afasta de ter o poder de dar movimento à sociedade. Não é a toa que o texto começa por explorar minha experiência individual. Lidamos com a tnuá e com seus ensinamentos como algo a ser levado de forma introspectiva, e quando buscamos exteriorizar esses ensinamentos, nos limitamos ao nosso tafkid e kvutzot, que permanece dentro deste ciclo fechado ao ambiente da tnuá. Mas é nesse caráter individual de nossas referências que para mim surgem os conflitos entre as gerações na tnuá. “*Na minha época era isso*”; “*Na minha época era aquilo*”. E seguimos discutindo sobre as mesmas coisas, utilizando os mesmos clichês, com discussões que nunca se encerram, pois afinal, não é importante dar fim a essas questões, é importante neste momento trazê-las ao debate tnuati, mas o tempo na tnuá é curto, e geração após geração, as discussões não terminam, e o movimento que a tnuá acaba executando, por mais que esteja em movimento, permanece inerte.

*Bruno Kreszow, pré boguer do Rio de Janeiro,  
Novembro de 2017*